

---

## **Contribuições de Stáline para a Ciência Militar e Política Soviética (IV)\***

• Ulrich Huar

### **Cooperação e luta de classes na coligação anti-hitleriana em 1944 A missão libertadora do Exército Vermelho**

#### **Roménia**

Enquanto as tropas soviéticas estavam envolvidas em duros combates com poderosas unidades blindadas alemãs às portas de Varsóvia, as 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> frentes ucranianas iniciaram, a 20 de Agosto, a sua ofensiva na região de Iassi-Kichinov.<sup>1</sup>

Face à «variante dos Balcãs» de Churchill, esta operação era de enorme importância política. A derrota do exército alemão estacionado na Roménia abriria caminho na direcção da Bulgária e da Jugoslávia e, para Oeste, na direcção da Hungria, Áustria e Checoslováquia. Esta frente alargada procurava também antecipar-se às forças armadas anglo-americanas. A dificuldade residia no objectivo estratégico simultâneo. A ofensiva tinha de se realizar simultaneamente nas direcções Sul e Oeste. Acresce que as 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> frentes ucranianas se encontravam enfraquecidas, no que diz respeito ao equipamento técnico, assim como por terem disponibilizado reservas a favor da Frente na Bielorrússia, em Lvov e Varsóvia, na direcção principal da ofensiva Vístula-Oder-Berlim. A tarefa das 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> frentes ucranianas consistia em destruir as forças principais dos exércitos alemão e romeno, numa única e poderosa ofensiva. A ocupação de Bucareste não era prioritária, mas sim o cerco e a destruição do adversário.<sup>2</sup>

Nesta zona da frente, as tropas soviéticas não tinham qualquer vantagem digna de referência face às unidades alemãs e romenas. Isto é válido em especial para a 3.<sup>a</sup> Frente Ucraniana, sob as ordens do comandante-em-chefe, general Tolbúkhine.

---

\* Este texto é a continuação do IV capítulo desta obra de U. Huar (*N. Ed.*)

<sup>1</sup> Iassi é uma cidade romena situada junto à fronteira com a Moldávia. Kichinov (hoje comumente designada como Chişinău ou Quichinau) é a capital da Moldávia (ou Moldova). (*N. Ed.*)

<sup>2</sup> Schtemenko, *Im General stab* (No Estado-Maior General), Vol. II, Moscovo, 1973/Berlim, 1985, 3.<sup>a</sup> ed., pp. 108-113. [Citações cotejadas com o original russo Штеменко С.М. *Генеральный штаб в годы войны*, Воениздат, Moscovo, 1989, Vol. II, pp. 339-344. (*N. Ed.*)]

### **Relação de forças na zona da 3.<sup>a</sup> Frente Ucraniana**

	Forças armadas soviéticas	:	Forças armadas alemãs e romenas
Homens	1,2	:	1
Artilharia	1,3	:	1
Tanques/SFL	1,4	:	1
Metralhadoras	1	:	1
Lança-granadas	1,9	:	1
Caças	3	:	1

As características geográficas eram favoráveis à defesa. A região era atravessada por montanhas, rios e inúmeras localidades, onde se podia organizar a defesa.

Por outro lado, o factor político-moral era um ponto fraco da defesa alemã. A vitória do Exército Soviético tinha reforçado a imagem e a autoridade do Partido Comunista Romeno (PCR). Em Abril de 1944, o PCR e o Partido Social-Democrata formaram a Frente Unida dos Trabalhadores. Em 20 de Junho de 1944, estes dois partidos dos trabalhadores formaram o Bloco Nacional Democrata com dois outros partidos burgueses. Pela sua natureza, este bloco era uma união antifascista contra a ditadura fascista de Antonescu. Perante a vitória do Exército Vermelho, até a Corte teve de se aliar aos nacionalistas-democratas.

Esta mudança na forma de pensar e agir politicamente da sociedade romena teve consequências nas forças armadas, cujos soldados e oficiais demonstravam cada vez menos vontade de se sacrificarem pelo exército fascista alemão. O povo e as forças armadas estavam cansados da guerra e desiludidos e, segundo Tippelskirch, já não tinham mais disponibilidade para «*continuar a guerra contra o bolchevismo*».<sup>3</sup> As conclusões que soldados, oficiais e generais das Forças Armadas romenas retiravam da derrota certa da Alemanha fascista, que já se gizava, eram diferentes, determinadas pela origem de classe. Por um lado, comportamentos derrotistas, por outro, esforços de generais burgueses e monárquicos em assinar uma paz separada com as potências ocidentais.

As acções revolucionárias conduzidas pelo PCR não se dirigiam só contra as tropas alemãs, mas também contra os latifundiários e grandes capitalistas, os quais, na verdade, queriam ver-se livres de Antonescu, contudo queriam manter o poder e os seus bens, ou seja, queriam simplesmente uma mudança de cenário.

A divisão de classes da sociedade romena também determinou o comportamento dos soldados e oficiais das forças armadas. Algumas unidades do exército romeno ainda resistiram às tropas soviéticas, porém, a maioria recuou, capitulou, entregou-se. Uma parte dos soldados e oficiais passou-se para o Exército Vermelho e lutou contra as tropas do até aí parceiro de coligação. É possível que tenha havido motivos muito diferentes para esta mudança. Em todo o caso, uma tal mudança de frente não podia efectuar-se sem problemas, sem contradições internas.

A chefia soviética tinha conhecimento destes comportamentos e do ambiente dominante nas forças armadas romenas. Por isso atacava preferencialmente as zonas da

---

<sup>3</sup> Tippelskirch, *Geschichte des Zweiten Weltkrieges. 3. unveränderte Auflage*. Bona 1959., p. 484.

frente onde se encontravam tropas romenas, onde era possível provocar a ruptura mais rapidamente e com menos baixas.

Perante a importância política e militar da ofensiva de Iassi-Kichinov, o QG decidiu concentrar as forças na linha principal de ataque, em detrimento de outras zonas da frente menos importantes. Assim, conseguiu uma enorme superioridade das suas tropas em relação ao adversário.

### ***Relação de forças na zona de Iassi-Kichinov***

	Forças armadas Soviéticas	:	Forças armadas alemãs e romenas
Homens	6	:	1
Artilharia	5,5	:	1
Tanques	5,4	:	1
Metralhadoras	4,3	:	1
Lança-Granadas	6,7	:	1
Caças	3	:	1

Stáline ordenou que se garantisse uma elevada presença da artilharia na secção da ruptura. O comandante-em-chefe da 2.<sup>a</sup> Frente Ucraniana, general Malinóvski, tinha planeado colocar 220 canhões em cada um dos 22 quilómetros de frente. Stáline considerou que não era suficiente. Por sua ordem a secção de ruptura foi diminuída para 16 quilómetros, que permitiu instalar mais de 240 canhões por cada quilómetro de frente. Stáline era da opinião de que os poderosos ataques contra a defesa romena influenciariam a política do governo da Roménia e «*contribuiriam para a sua saída da guerra*».<sup>4</sup>

Os êxitos iniciais deram razão a Stáline. Porém, de acordo com o Estado-Maior General, os êxitos do primeiro dia (20 de Agosto) podiam ter sido maiores. A 2.<sup>a</sup> Frente Ucraniana conseguiu rechaçar um contra-ataque de unidades poderosas, mas esta acção do inimigo impediu as tropas soviéticas de romper a defesa germano-romena.

Na tarde de 21 de Agosto, Stáline ditou uma directiva para as 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> frentes. Depois de referir que a tarefa principal de ambas era «*fechar rapidamente o cerco do inimigo na região de Husi,<sup>5</sup> apertando-o de seguida com o objectivo de destruir ou aprisionar o agrupamento de Kichinov do inimigo*», sublinhou uma vez mais a importância política desta operação cuja «*resolução com êxito (...) nos abre o caminho para os principais centros económicos e políticos da Roménia.*»<sup>6</sup>

Na directiva, Stáline sublinhou uma vez mais a significativa superioridade das duas frentes face às capacidades do adversário. O inimigo possuía «*cerca de 44 divisões (...) das quais seis divisões já estão destroçadas. Enquanto vós dispondes de 87 divisões e, além disso, tendes uma importante superioridade em artilharia, tanques e aviação.*

---

<sup>4</sup> Schtemenko, *op. cit.*, p. 115. [Ed. cit., pp. 345-346. (N. Ed.)]

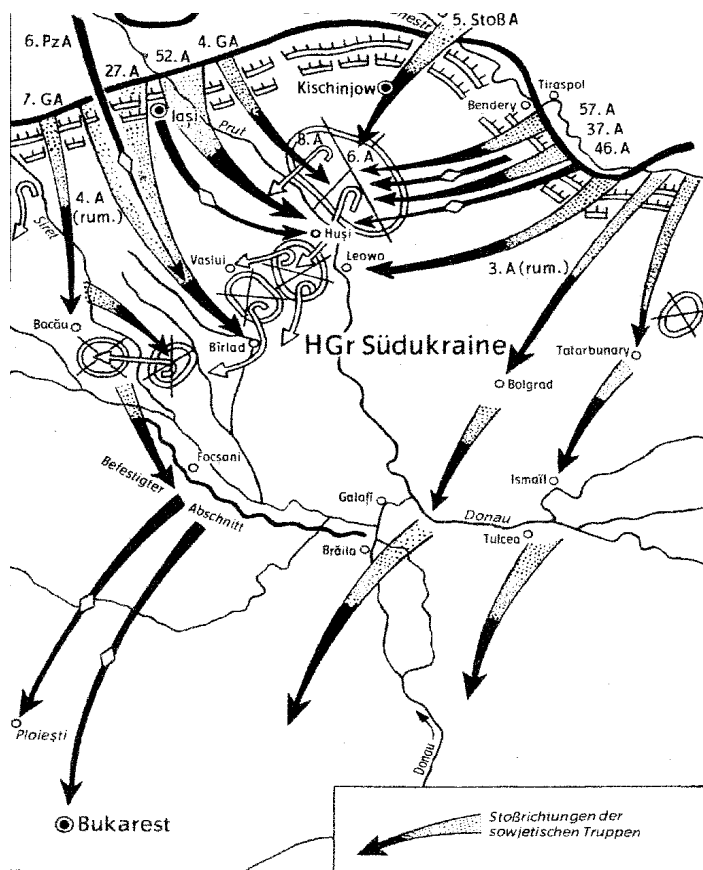
<sup>5</sup> Husi é uma cidade situada na fronteira com a Moldávia (N. Ed.)

<sup>6</sup> Idem, *ibidem*, p. 120. [Idem. *ibidem*, p. 349. (N. Ed.)]

*Deste modo, possuíis todas as possibilidades para a resolução com êxito da tarefa indicada, e é vossa obrigação resolver esta tarefa.»<sup>7</sup>*

A 24 de Agosto, depois de renhidos combates, as forças principais das tropas alemãs e romenas encontravam-se cercadas na região a Leste de Husi. Mas ainda houve duros combates contra alguns agrupamentos que romperam para Ocidente, pelo Prut,<sup>8</sup> atacando as tropas soviéticas pela retaguarda. A operação de Iassi-Kichinov estava terminada em final de Agosto. Tinham sido destruídas 18 a 25 divisões hitlerianas no Sul. Tippelskirch resumiu: «O cerco russo apertou-se tanto em torno de várias divisões alemãs que elas tiveram de capitular em massa.»<sup>9</sup>

### **A destruição das forças principais do grupo de exércitos na Ucrânia do Sul**



Fonte: S.M. Schtemenko, *Im Generalstab*, Vol.2, Moscovo, 1973, Berlim, 1985, p. 123.

Chtemenko escreveu sobre o significado político da vitória em Iassi-Kichinov: «Difícilmente se poderá sobrestimar o significado da nossa vitória na operação de Iassi-Kichinov. A destruição das principais forças do grupo de exércitos “Ucrânia do Sul” teve importantes efeitos militares e políticos. Foi como se as tropas soviéticas tivessem aberto os portões para o interior da Roménia, para as fronteiras da Bulgária e depois também para a Jugoslávia (...). A operação criou uma situação político-militar favorável à liquidação da ditadura de Antonescu, privando-o da força militar das tropas hitlerianas e das unidades romenas fiéis ao Governo. Nestas condições, o PCR desencadeou a insurreição armada do povo, que veio a determinar o futuro socialista do país.»<sup>10</sup>

As batalhas de envolvimento do Exército Vermelho devem também ser remetidas para a iniciativa de Stáline. Sem querer glorificar Stáline como

«superstar» da estratégia militar, à moda do culto de personalidade burguês, é justo salientar que ele desempenhou um papel excepcional no colectivo dos comandantes

<sup>7</sup> Idem, ibidem, p. 121. [Idem, ibidem. (N. Ed.)]

<sup>8</sup> O rio Prut nasce nos Cárpatos na Ucrânia e desagua no Danúbio, correndo ao longo 700 quilómetros pela fronteira entre a Moldávia e a Roménia. (N. Ed.)

<sup>9</sup> Tippelskirch, *op. cit.*, p. 484.

<sup>10</sup> Schtemenko, *op. cit.*, p. 124. [Ed. cit., pp. 351. (N. Ed.)]

soviéticos, não só porque enquanto comandante supremo cabia-lhe a responsabilidade pela decisão final, mas também como estrategista e tático.

Júkov descreve uma conversa com Stáline, em Dezembro de 1943. Tratava-se de saber se o comando soviético podia «preparar operações para cercar unidades inimigas maiores». Stáline pensava que «*agora estamos mais fortes e as nossas tropas mais experientes. Agora não só podemos como devemos conduzir operações de cerco aos agrupamentos alemães.*»<sup>11</sup>

Esta consideração resultava da experiência de Stalingrado e de Kursk. Desde então, o cerco de unidades de tropas inimigas fazia parte do pensamento teórico militar estratégico dos soviéticos.

Do mesmo modo, também pertencia à arte de guerra dos generais soviéticos a conquista de rios largos, a constituição de grandes testas-de-ponte nas margens ocupadas pelo inimigo. Tais testas-de-ponte também tinham sido edificadas pelas tropas da 3.<sup>a</sup> Frente Ucraniana na margem oriental do Deniestre, junto a Tiraspol e Grigoriopol, a partir das quais iniciaram a ofensiva de 20 de Agosto. Tippelskirch não pôde deixar reconhecer esta estratégia do comando soviético: «*Desde a contenção da ofensiva alemã junto ao Don, no Outono de 1944, que os russos sabiam usar com verdadeira mestria tais testas-de-ponte como trampolim para futuras operações em todas as barreiras de caudais e nunca recearam defendê-las, em todas as circunstâncias, sem olhar a baixas, através da entrada em acção das [suas] forças contra qualquer ataque alemão.*»<sup>12</sup>

Na Roménia houve conflitos políticos no interior da classe dominante e com os seus militares, assim como sublevações das forças revolucionárias democráticas sob a direcção do PCR. A 23 de Agosto foram presos Antonescu, o ministro da Guerra e o ministro do Interior, assim como o perfeito da Polícia e o inspector-geral da Polícia. Ainda na noite desse mesmo dia, pelas 20 horas, formou-se um novo Governo sob a direcção do monárquico general Sanatescu. Na noite de 23 de Agosto, o PCR apelou à insurreição. Em Bucareste, os insurrectos dispunham de mais de oito mil combatentes armados, dos quais dois mil comunistas. Por ordem de Hitler, Bucareste foi bombardeada, o que reforçou ainda mais a vontade nas massas populares de [realizar] uma ruptura revolucionária. O Estado-Maior romeno procurou reprimir a sublevação e manteve a resistência contra as tropas soviéticas. A 24 de Agosto, o PCR apelou à luta armada contra as tropas alemãs.

A direcção soviética procedeu a uma política muito hábil nesta situação de guerra civil na Roménia. Continuando a ofensiva visando a destruição das tropas fascistas alemãs, adoptou um comportamento particular em relação às tropas romenas: estas não deviam ser desarmadas mas, em conjunto com o Exército Vermelho, deviam lutar pela sua própria independência contra o fascismo alemão e contra o seu satélite húngaro pela libertação da Transilvânia, que Hitler tinha prometido à Hungria. A 25 de Agosto, o Governo soviético repetiu uma declaração feita por Mólotov a 2 de Abril, na qual se garantia que a URSS, exceptuando a reintegração da Bessarábia, não fazia qualquer outra exigência territorial à Roménia e não tinha a intenção de alterar a ordem social no país. A

---

<sup>11</sup> G.K. Shukow: *Erinnerungen und Gedanken*. Bd. 1/4. Überarbeitete Auflage (Memórias e Reflexões), Moscovo, 1969. Berlin 1973. vol. II, p. 169. [Citações cotejadas com o original russo Жуков Г. К. *Воспоминания и размышления*. Олма-Пресс, Moscovo, 2002, Vol. II, p. 194 (N. Ed.)]

<sup>12</sup> Tippelskirch, *op. cit.*, p. 481.

soberania romena seria respeitada. Este apelo, e em particular a perspectiva da recuperação da Transilvânia, teve um efeito mobilizador nas massas populares.

Não restou outra alternativa ao governo de Sanatescu senão assinar um armistício com o Exército Vermelho. O antigo aliado alemão tornara-se agora ocupante, contra o qual Sanatescu tinha de fazer a guerra.

A 26 de Agosto capitularam cinco divisões romenas na 2.<sup>a</sup> Frente Ucraniana. A 29 de Agosto, tropas da 2.<sup>a</sup> Frente Ucraniana, com o apoio de trabalhadores romenos armados e unidades do exército romeno, ocuparam a região petrolífera de Ploiesti.

A política traiçoeira das forças restauracionistas do general Sanatescu não teve êxito. O pedido que este fez ao comandante soviético para interromper a ofensiva na linha dos Cárpatos Orientais-Danúbio só podia provocar estupefacção. Pelos vistos pretendia permitir a retirada das tropas alemãs para as montanhas, onde poderiam edificar uma nova linha de resistência e bloquear o acesso das tropas soviéticas ao interior da Roménia. Simultaneamente, Sanatescu dirigiu-se ao comando anglo-americano, pedindo que ocupasse Bucareste com tropas aerotransportadas. As potências ocidentais, considerando a relação de forças existente nos Balcãs, foram obrigadas a dar uma resposta negativa a Sanatescu.

A transferência de unidades romenas para o lado do Exército Vermelho não se realizou sem conflitos. Havia a divisão de voluntários «Tudor Vladimirescu», formada já em 4 de Outubro de 1943 por soldados e oficiais que se encontravam em cativeiro soviético. Esta divisão já tinha participado na operação em Iassi-Kichinov.<sup>13</sup>

Outras unidades romenas ainda continuavam sob a direcção de generais e oficiais pró-fascistas. Havia antifascistas entre os soldados que combatiam ao lado do Exército Vermelho, mas também havia sinais de derrotismo. É preciso levar em consideração que as massas populares romenas não estavam ao nível do que lhes era exigido. A União Soviética, que ainda ontem era a encarnação do mal, era agora aliada. A «lealdade ao rei», determinada pela História, continuava enraizada na consciência de amplos sectores do povo. As ilusões monárquicas do povo podiam ser aproveitadas pelas forças restauracionistas. Stáline teve em linha de conta este comportamento na sua política. Como Chtemenko relata, entre o final de Agosto e início de Setembro, o QG teve de definir a atitude dos órgãos militares soviéticos para com o rei Miguel da Roménia. O representante do chefe do Estado-Maior General, Antonov, e Chtemenko referem várias vezes nos seus relatórios *«que a corte do rei se tornaria inevitavelmente no centro dos elementos anti-soviéticos na Roménia e propusemos tomar medidas decididas em relação a ele. O comandante supremo ouviu-nos atentamente como era habitual (...) e afirmou mais ou menos o seguinte: Não temos nada a ver com um rei estrangeiro. A tolerância para com ele reflectir-se-á também nas nossas relações com os aliados. Devemos admitir que o povo romeno, que por enquanto deposita confiança na corte real como oposição à ditadura fascista, compreenderá por si próprio a verdadeira essência da monarquia. Há razões para pensar que também os comunistas romenos não vão ficar de braços cruzados, mas irão ajudar o seu povo a compreender a situação.»*<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> Schtemenko, *op. cit.*, 128-136. [Ed. cit., pp. 346-357. (N. Ed.)]

<sup>14</sup> Idem, *ibidem*, p. 140. [Idem, *ibidem*, p. 360. (N. Ed.)]

O rei romeno portou-se pacificamente. «Quando soubemos que praticava aviação desportiva, foi-lhe oferecido em nome de Stáline um avião Po-2 numa versão especial.» A evolução social também não parou; o rei abandonou o país no final de 1947.<sup>15</sup>

Na libertação da Roménia morreram 69 mil soldados e oficiais do Exército Vermelho e outros 286 mil ficaram feridos.<sup>16</sup>

## Bulgária

As condições de luta e a correlação de forças de classe eram muito diferentes em cada um dos países do Sudeste europeu. A Grécia, a Polónia e a Checoslováquia eram países ocupados pelos fascistas, a Roménia e a Hungria eram satélites da Alemanha. A Bulgária tinha uma posição ambígua.

Por pressão alemã, o Governo monárquico fascista tinha declarado guerra aos EUA e à Grã-Bretanha a 13 de Dezembro de 1941, mas não à União Soviética. No entanto, a sua «neutralidade» perante a URSS era mais que duvidosa. O Governo permitiu a passagem das tropas alemãs através da Bulgária para a invasão da Grécia e da Jugoslávia e a utilização dos portos na costa do Mar Negro como bases da frota da marinha de guerra alemã. Tropas búlgaras participaram na guerra ao lado da Alemanha fascista contra a Grécia e os guerrilheiros jugoslavos.

No interior do país existia um forte movimento democrático-revolucionário, dirigido pelo Partido Operário Búlgaro (POB). O POB era um partido marxista-leninista com grande experiência de luta. Os comunistas búlgaros foram a força dominante na organização e implementação da sublevação antifascista de Setembro de 1923, sob a direcção dos conhecidos e experientes comunistas Gueórgui Dimítrov e Vassil Kolárov. Dimítrov foi secretário-geral da III Internacional, de Agosto de 1935 até à sua dissolução em 10 de Junho de 1943, e primeiro-ministro da República Popular da Bulgária de 22 de Novembro de 1946 até à sua morte a 2 de Julho de 1949.

Desde Fevereiro de 1943 que se tinha desenvolvido na Bulgária, sob a influência do POB, o movimento de resistência antifascista. Uma forte e enérgica organização de guerrilheiros tinha iniciado a luta contra o regime monárquico fascista. No Verão de 1944, o exército de libertação popular, criado a partir de unidades de guerrilheiros, atingiu mais de 18 mil homens. Em Agosto de 1944 já eram 28 mil combatentes.<sup>17</sup>

O regime monárquico fascista era odiado pelo povo búlgaro. Em meados de 1942, Dimítrov tomou a iniciativa de organizar uma ampla frente antifascista, a Frente Patriótica, para a libertação nacional e social da Bulgária. Patriotas de todos os estratos da sociedade búlgara pertenciam à Frente Patriótica. O seu programa foi elaborado pelo *Bureau* no estrangeiro do CC do POB e colocava objectivos nacionais e de política interna. Pertenciam aos objectivos nacionais a saída da Bulgária da coligação fascista, a libertação do povo búlgaro dos fascistas alemães, a retirada de tropas ocupantes búlgaras da Jugoslávia e da Grécia.

Quanto à política interna, o programa exigia a libertação dos presos antifascistas, o restabelecimento das liberdades políticas, a dissolução das organizações fascistas, o derrube dos detentores do poder pró-fascistas, assim como a constituição de um governo

---

<sup>15</sup> Idem, ibidem. [Idem, ibidem. (N. Ed.)]

<sup>16</sup> Idem, ibidem, p. 144. [Idem, ibidem, p. 363. (N. Ed.)]

<sup>17</sup> Idem, ibidem, p. 148. [Idem, ibidem, p. 366. (N. Ed.)]

apoiado na confiança do povo, que garantisse a amizade e cooperação com a União Soviética.

Não eram exigências socialistas. Não ultrapassavam as de uma organização política democrático-burguesa, e por isso eram aceitáveis para a massa do povo. Chtemenko escreveu: «*Amplas camadas do povo búlgaro – activistas do Partido Operário, membros da União Agrícola, sociais-democratas, militares patriotas, operários, camponeses, artesãos, pequenos funcionários, intelectuais progressistas e a juventude revolucionária – apoiaram com entusiasmo a Frente Patriótica.*»<sup>18</sup>

Desde as guerras de libertação contra o domínio estrangeiro turco que se estabeleceu entre povo búlgaro e o povo russo uma amizade tradicional que foi muito favorável ao Exército Vermelho.

As insurreições nacionais do povo búlgaro de Setembro de 1875 e de Abril de 1876 não conseguiram derrotar os paxás turcos. Só com a guerra russo-turca de 1877-78, as tropas russas proporcionaram ao povo búlgaro a libertação de 500 anos de domínio estrangeiro turco. As batalhas de Pleven e do Passo de Chipka, nas quais os russos, com enormes baixas, derrotaram definitivamente os turcos, encontram-se profundamente ancoradas na memória do povo búlgaro. Assim, os soldados soviéticos podiam contar que seriam saudados pelo povo búlgaro como amigos e aliados.

As vitórias do Exército Vermelho em Iassi-Kichinov e a conseqüente libertação da Roménia provocaram um forte ascenso do movimento popular revolucionário na Bulgária. A 26 de Agosto de 1944, o POB tomou a decisão de preparar no imediato a insurreição armada. O CC divulgou uma circular incumbindo os comunistas de mobilizar todas as forças para expulsar as tropas fascistas alemãs, derrubar os ministros fascistas, constituir um governo da Frente Patriótica e implantar o poder popular democrático.

Durante estes dias houve várias reuniões entre Stáline e Dimítrov. Dimítrov era quem melhor conhecia os assuntos búlgaros e as condições existentes na sua pátria. Depois de uma reunião com Stáline, a 27 de Agosto, enviou para o Estado-Maior do Exército de Libertação Popular uma directiva endereçada ao CC do POB. O documento defendia a união de todas as forças do povo em torno do Comité Nacional da Frente Patriótica, o desarmamento dos grupos alemães fascistas e da *Gestapo*, a eliminação de qualquer resistência à Frente Patriótica e ao Exército Vermelho e a constituição de um governo da Frente Patriótica. Na directiva dizia-se: «*O povo búlgaro e as suas forças armadas devem colocar-se decididamente do lado do Exército Vermelho, o exército dos libertadores da Bulgária do jugo fascista alemão, e juntamente com ele limpar o solo búlgaro dos bandidos fascistas alemães e dos seus cúmplices infames.*»<sup>19</sup>

Tal como noutros países do Sudeste europeu, as forças restauracionistas búlgaras não admitiam abdicar do seu poder, e procuraram antecipar-se à revolução popular e à entrada das tropas soviéticas, desenvolvendo contactos secretos com os anglo-americanos. Também o governo de Bagriánov mantinha contactos com os aliados ocidentais. Como a Bulgária não se encontrava oficialmente em guerra com a URSS, Bagriánov tinha a esperança de se antecipar à entrada do Exército Vermelho.

No entanto, em 30 de Agosto, dia em que o governo soviético exigiu ao governo búlgaro que impedisse de imediato a passagem de tropas alemãs para a Roménia, Bagriánov viu-se entre dois fogos e foi forçado a demitir-se. K. Muraviev formou um novo governo a 2 de Setembro, assumindo o compromisso de manter uma rigorosa

---

<sup>18</sup> Idem, ibidem, p. 146. [Idem, ibidem, p. 365. (N. Ed.)]

<sup>19</sup> Idem, ibidem, p. 148. [Idem, ibidem, p. 367. (N. Ed.)]



neutralidade e estabelecer relações de confiança com a URSS, mas na verdade fez o contrário. Autorizou que os exércitos alemães do Sul da Ucrânia retirassem da Roménia para território búlgaro. Dezenas de unidades da marinha de guerra alemã encontraram refúgio nos portos de Varna e Burgas. Tropas alemãs concentraram-se na região de Sófia.

A 5 de Setembro, o governo soviético entregou uma nota ao embaixador búlgaro em Moscovo, na qual se afirmava que o governo soviético não podia avaliar «*esta política da Bulgária senão como a condução de facto da guerra ao lado da Alemanha contra a União Soviética.*» Dada a situação militar da Alemanha, a Bulgária tinha «*todas as possibilidades*» de, «*sem temer represálias, romper com a Alemanha e assim salvar o país do naufrágio*».

O CC do POB, em conjunto com o Estado-Maior do Exército Popular de Libertação, decidiu iniciar a insurreição na noite de 9 de Setembro, em Sófia. A insurreição devia ser preparada com greves e manifestações de trabalhadores. As greves já tinham começado a 6 de Setembro.

Na noite de 5 para 6 de Setembro, o governo de Muraviev informou o governo soviético, através do Encarregado de Negócios soviético em Sófia, de que «*a Bulgária rompeu as suas relações com a Alemanha e solicita um armistício.*»<sup>20</sup>

Ao receber esta declaração, Stáline consultou Dimítrov e ordenou a Júkov que, até ao esclarecimento cabal da situação, limitasse temporariamente o avanço das tropas da 3.<sup>a</sup> Frente Ucraniana à linha Giurgiu-Razgrad-Chumen (Kolarovgrad)-Dalgopol-margem norte do rio Kamchia.<sup>21</sup> A execução da ordem foi entregue ao comandante-em-chefe da 3.<sup>a</sup> Frente Ucraniana, general Tolbúkhine.

A 8 de Setembro, pelas 11 horas, as tropas da 3.<sup>a</sup> Frente Ucraniana penetraram na fronteira búlgara. Os soldados búlgaros não só não ofereceram resistência como manifestaram simpatia às tropas soviéticas, a população civil recebeu-as amistosamente. O comando supremo búlgaro tinha ordenado que não se entrasse em combate contra o Exército Vermelho.<sup>22</sup>

Ao contrário da Polónia, a especificidade na Bulgária consistia na cooperação entre o Exército Popular de Libertação búlgaro e as tropas soviéticas desde o início. O Governo soviético e o QG estavam informados sobre todas as acções revolucionárias do POB e da Frente Patriótica. Assim, os comandantes soviéticos podiam entender-se com os revolucionários búlgaros, lutar em conjunto contra a reacção interna, o que eliminou a possibilidade de um banho de sangue provocado pela reacção búlgara e as tropas alemãs contra a população búlgara. «*A combinação da insurreição popular de 9 de Setembro com a marcha vitoriosa do exército soviético nos Balcãs não só assegurou a vitória da insurreição como também lhe conferiu força e dimensão.*»<sup>23</sup>

A sociedade búlgara era uma sociedade de classes. As forças restauracionistas não partilhavam de todo as simpatias das massas populares pelo exército soviético. Esta diferença também se manifestava no exército búlgaro. Os soldados e oficiais de baixas patentes eram na sua maioria pró-soviéticos. Porém, entre os oficiais e generais havia muitos pró-fascistas que procuravam por todos os meios, senão impedir, pelo menos dificultar a passagem do exército regular búlgaro para o lado do Exército Vermelho. Da

---

<sup>20</sup> Idem, ibidem, p. 154. [Idem, ibidem, p. 370. (N. Ed.)]

<sup>21</sup> Idem, ibidem. [Idem, ibidem. p. 370. (N. Ed.)]

<sup>22</sup> Idem, ibidem, p. 156. . [Idem, ibidem. p. 371. (N. Ed.)]

<sup>23</sup> Idem, ibidem, p. 161. [Idem, ibidem. p. 374. (N. Ed.)]

mesma forma, o aparelho de Estado encontrava-se ainda infiltrado por elementos pró-fascistas.

O Estado-Maior soviético deu instruções para encontrar o paradeiro do pessoal da embaixada alemã em Sófia, que desaparecera por caminhos misteriosos. Da embaixada alemã, que possuía uma ampla rede de agentes, saíram instruções e informações para as forças restauracionistas búlgaras. Só depois de longas investigações se concluiu que os diplomatas fascistas e a missão militar tinham fugido para a Turquia num comboio especial, com o conhecimento e ajuda de alguns funcionários governamentais. Nesta altura a Turquia já tinha rompido as relações diplomáticas com a Alemanha e não mostrava pressa em conceder o visto de entrada ao pessoal da embaixada alemã. Os diplomatas alemães tentaram então a sua sorte junto da fronteira grega. E foi aí que unidades soviéticas conseguiram deter as 32 pessoas que formavam o pessoal da embaixada.

Tendo detido os inimigos declarados do povo búlgaro e do Exército Vermelho, o comando soviético preocupou-se logo assegurar a inviolabilidade às restantes representações diplomáticas e a observância estrita da legalidade em relação a todos os cidadãos búlgaros e estrangeiros. Contudo, pelos vistos, terá havido alguns abusos por parte de postos militares soviéticos. A situação também não era nada fácil. A 26 de Setembro o QG enviou o seguinte telegrama ao Estado-Maior da 3ª Frente Ucraniana:

*«O QG do Comando Supremo proíbe que se efectuem prisões na Bulgária e na Roménia. A partir de agora ninguém pode ser preso sem autorização do QG.*

*Por incumbência do QG do Comando Supremo – Antonov, Chtemenko.»<sup>24</sup>*

Era quase impossível evitar abusos num exército de milhões, cujos membros eram testemunhas e vítimas da barbárie fascista. Daí esta ordem estrita do QG, por iniciativa de Stáline, para impedir que oficiais precipitados cometessem injustiças, acções que só poderiam prejudicar as relações amigáveis entre o povo e o Exército Vermelho. Estas ocorrências continuam a ser hoje exageradas e generalizadas por publicistas anticomunistas e anti-soviéticos e atribuídas a Stáline, o «ditador malévolo». Silencia-se precisamente o facto de ter sido Stáline quem várias vezes interveio contra a violação da legalidade, determinada subjectivamente por oficiais subalternos ou funcionários, e que a não observância destas instruções foram severamente castigadas.

Do lado dos aliados anglo-americanos não faltaram tentativas para realizar também na Bulgária a «variante dos Balcãs» de Churchill. Pelo menos fizeram-no com o apoio dos círculos reaccionários no aparelho de Estado búlgaro e no exército regular.

Um grupo de oficiais britânicos e americanos apresentou-se sem aviso prévio ao comandante do exército búlgaro, general I. Marinov, e exigiu que fosse posto à sua disposição um aeroporto e cedidos os mapas com a localização de minas terrestres na margem do Mar Negro, onde, alegadamente, num dos portos no Sul da Bulgária se aguardava em breve a chegada de navios britânicos. Um oficial e um engenheiro já se encontrariam nesse porto para preparar a chegada dos navios. Nem o comando búlgaro, nem o comando soviético tinham sido consultados sobre tal passo. Além disso, os oficiais ofereceram «ajuda militar» nos Balcãs, que não tinha sido solicitada pelo novo governo búlgaro.

Era claro que não se tratava de uma iniciativa autónoma de alguns oficiais e que havia outras forças por trás. O general Marinov entrou imediatamente em contacto com o representante do Comando Supremo soviético na Bulgária, general Biriuzov. Na segunda

---

<sup>24</sup> Idem, ibidem, p. 164. [Idem, ibidem. p. 376. (N. Ed.)]

visita dos oficiais britânicos e americanos, os representantes soviéticos declararam em poucas palavras que «*não há necessidade da ajuda dos aliados.*»<sup>25</sup>

Os oficiais soviéticos tinham tomado a decisão militar correcta neste assunto, mas Mólotov admoestou-os pela forma como responderam. Não se devia ter dito aos aliados que «*não eram necessários*», mas indicar delicadamente aos oficiais britânicos e americanos que estas questões deviam ser acordadas previamente com Moscovo.<sup>26</sup>

Este episódio evidencia um novo problema: os oficiais confrontavam-se de repente com questões diplomáticas, das quais nada entendiam. Enquanto combateram no seu território, este aspecto era irrelevante, mas depois de passarem as fronteiras e nos inevitáveis contactos com as tropas aliadas ocidentais precisavam de adquirir os conhecimentos necessários, principalmente os generais. Foi Stáline quem apontou a importância desta questão.

Um general não tinha de ser só um bom militar. Isso já não era suficiente. «*É necessário que também o Estado-Maior General conheça os princípios do direito internacional e as regras de conduta nos contactos com os representantes dos outros Estados.*» Antónov respondeu que no Estado-Maior General havia um organismo que se ocupava dessas questões, admitindo que «*naturalmente, conhecemos melhor a lei marcial do que o direito internacional*». A resposta não agradou a Stáline, que retorquiu: «*Já sabia que você não compreendia isto (...) Não se trata de uma questão de administração (...) Falamos de vós próprios, dirigentes do Estado-Maior General. (...) E não só do Estado-Maior General (...) Referimo-nos aos militares que conduzem ou participam em conversações com estrangeiros, que elaboram importantes documentos diplomático-militares. São exactamente eles que têm de saber como é que se deve fazer isso correctamente de modo a representarem dignamente o nosso país. Percebe agora do que falo? Não se trata de recepções e banquetes. Aí você sai-se com honra... Mas no que toca à “lei marcial”, que aqui foi referida, já várias vezes ouvimos que muitos militares consideram que a sua lei é só a das baionetas.*»<sup>27</sup>

A ligação estreita mantida durante toda a guerra entre o Estado-Maior General e o Comissariado do Povo dos Negócios Estrangeiros, tornou-se ainda mais estreita no final do conflito.

Do lado das potências ocidentais houve ainda várias tentativas para «ajudar» nos Balcãs o parceiro de coligação, o Exército Vermelho, que foram recusadas, agora diplomaticamente, pelo lado soviético.

No entanto, tais propostas encontravam eco em alguns funcionários do aparelho de Estado búlgaro, nomeadamente no ministro da Guerra Veltchev. Por sua indicação, a rádio búlgara divulgou informações que revelavam as posições de tropas soviéticas.<sup>28</sup>

A organização e armamento das forças armadas búlgaras ainda eram tarefas difíceis a cargo de conselheiros soviéticos em cooperação com comunistas búlgaros. Na Jugoslávia, a entrada em acção de tropas búlgaras, ao lado do exército de Tito, contra as tropas alemãs revelou-se um problema ideológico complexo, também para os comunistas jugoslavos.

---

<sup>25</sup> Idem, ibidem, p. 168. [Idem, ibidem. p. 378. (N. Ed.)]

<sup>26</sup> Idem, ibidem, p. 169. [Idem, ibidem. p. 379. (N. Ed.)]

<sup>27</sup> Idem, ibidem, p. 169 e seg. [Idem, ibidem. p. 379. (N. Ed.)]

<sup>28</sup> Idem, ibidem, p. 171. [Idem, ibidem. p. 380. (N. Ed.)]

Sucedem que tropas búlgaras haviam antes participado em acções punitivas ao lado dos fascistas alemães contra *partisans* jugoslavos e a população civil. E agora o exército jugoslavo devia lutar agora ao lado do exército búlgaro?!... Tais problemas não podiam ser ultrapassados em pouco tempo. Importante é que tais ressentimentos foram superados pouco a pouco pelos comunistas jugoslavos, búlgaros e pelo Exército Vermelho.

Os exércitos soviéticos cumpriram o objectivo definido por Stáline: chegar à península balcânica antes dos parceiros ocidentais da coligação, tornando assim desnecessária a «variante dos Balcãs» de Churchill. O Exército Vermelho abriu militarmente o caminho para a libertação da Jugoslávia, Hungria e da Checoslováquia.

## Jugoslávia

A libertação da Jugoslávia do fascismo alemão e italiano revelou-se uma operação militar e política muito complexa. Com a libertação da Roménia e da Bulgária, as tropas das 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> frentes ucranianas avançaram até às fronteiras da Jugoslávia. As tropas fascistas foram obrigadas a retirar da Grécia e da Macedónia, sob pena de a sua retirada para Norte ser cortada.

Depois da sua reorganização, em 1942, as unidades de *partisans* jugoslavas tinham formado um exército regular, o Exército Popular de Libertação da Jugoslávia, que, em 1944, era constituído por 50 divisões com 400 mil soldados e oficiais. O equipamento do Exército Popular era problemático. Faltava artilharia e lança-granadas. Havia alguns tanques, mas não aviões. As suas armas de mão, espingardas, pistolas automáticas, metralhadoras, eram uma mistura de diferentes fabricantes, despojos dos combates, na sua maioria armas de fabrico alemão ou italiano. As forças armadas britânicas também tinham fornecido muitas armas, que eram lançadas de aviões ou descarregadas em zonas libertadas pelos *partisans*. Havia poucas armas soviéticas. Como ressalta do telegrama de Dimítrov a «Walter» (pseudónimo de Tito), de 1 de Junho de 1942, o Governo soviético deparava-se com sérias dificuldades para fornecer armas ao Exército Popular de Libertação. «Como já vos informámos, no curto prazo e pelas razões que conheceis, infelizmente não podereis contar com entregas a partir daqui de munições e armas automáticas. A principal razão é a impossibilidade da nossa parte de vos fazê-las chegar. Por isso é necessário que utilizeis ao máximo e da maneira mais racional todas as vossas possibilidades (incluindo as mais pequenas, mas também as mais difíceis) para o vosso auto-provisionamento local. Assim, apesar das dificuldades enormes, continuai e desenvolvei a guerra de libertação, mantende as vossas posições e rechaçai os golpes do inimigo até que uma ajuda exterior seja possível.»<sup>29</sup> Num outro telegrama, oito meses mais tarde, de 10 de Fevereiro de 1943, Dimítrov insiste em esclarecer a posição do governo soviético sobre a guerra de libertação do Exército Popular de Libertação jugoslavo:

«Não deveis duvidar nem por um minuto que se houvesse a mais pequena possibilidade de conceder ajuda material à vossa sua luta notável e heróica, tê-lo-íamos feito há muito. O povo soviético, em uníssono com os seus dirigentes, está totalmente ao vosso lado, sentindo uma simpatia ardente e profunda pelo Exército Popular de

---

<sup>29</sup> Gueórgui Dimítrov, *Tagebuecher 1933-1945* (Diários 1933-1945), ed. por Bernhard H. Bayerlein, Berlim, 2000, p. 528.

*Libertação jugoslavo. Por várias vezes analisámos com Iossif Vissariónovitch [Stáline] as vias e meios de vos fazer chegar ajuda. Infelizmente, até agora, não pudemos resolver esta tarefa, devido às dificuldades técnicas e de transporte inultrapassáveis. Não cessámos as nossas tentativas de procurar possibilidades reais para vos enviar ajuda. Assim que tivermos essas possibilidades, faremos tudo o que é necessário. Como podeis vós duvidar disso? Peço-vos que compreendeis correctamente a situação existente e a expliqueis aos camaradas e aos combatentes. Não desesperéis e envidai todas as vossas forças para resistir à actual prova excepcionalmente difícil. Perseguis uma grande causa que a nossa terra soviética e os povos amantes da liberdade nunca esquecerão. Saudações fraternas para vós e para todos os camaradas, e os meus melhores votos para a vossa luta heróica contra o inimigo maldito.»<sup>30</sup>*

Na verdade, nesta altura, o Governo soviético não podia ajudar materialmente o Exército Popular de Libertação jugoslavo. Decorria a batalha de Stalingrado, de que dependia a existência da União Soviética, tropas alemãs ainda estavam no Cáucaso, Leningrado ainda estava cercada e a *Wehrmacht*, que ocupava desde o Mar de Azov até à costa do Mar de Barents, embora enfraquecida, ainda não estava destruída.

Só depois de as tropas das 3.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> frentes ucranianas terem alcançado a fronteira leste da Jugoslávia, foi possível fornecer armamento em abundância ao Exército Popular de Libertação.

No final de Setembro de 1944, o marechal Tito voou para Moscovo para negociar o apoio das tropas soviéticas na libertação da Jugoslávia. Tito tinha plenos poderes do Comité Nacional de Libertação da Jugoslávia (CNLJ) para solicitar ao Governo da URSS a entrada de tropas soviéticas no Leste da Jugoslávia. O Comité Nacional desempenhava as funções de um governo provisório. O Exército Popular de Libertação Nacional tinha sido reconhecido como aliado por Stáline, Churchill e Roosevelt, na Conferência de Teerão (28.11/01.12.1943).

É importante sublinhar que o Exército Vermelho entrou em território jugoslavo a pedido do Comité Nacional de Libertação da Jugoslávia.

Junto do Estado-Maior jugoslavo, ao lado da missão militar soviética, havia uma missão militar anglo-americana. Em consequência, as operações militares em território jugoslavo tinham de ser combinadas com as missões militares dos aliados ocidentais. Juntamente com as unidades soviéticas, aviões de caça britânicos e americanos também atacaram os ocupantes fascistas.

Como já se referiu, a entrada em acção do exército búlgaro em território jugoslavo revelou-se problemática. Tito e Dimítrov tinham-se entendido sobre esta questão em Moscovo. Dimítrov informara Tito pormenorizadamente sobre os objectivos, tarefas e constituição da Frente Patriótica da Bulgária e obteve a sua concordância sobre a entrada em acção das unidades búlgaras contra os ocupantes alemães. Mas a entrada do exército búlgaro em território jugoslavo, por razões do passado, suscitava reservas ideológicas e nacionalistas. Contudo, como Chtemenko resumiu: «*os soldados jugoslavos e búlgaros bateram-se com valentia ao lado das tropas soviéticas.*» Acordou-se que depois da libertação de Belgrado as tropas búlgaras atravessariam o território jugoslavo para a Hungria.<sup>31</sup>

Na Jugoslávia ainda houve outras particularidades. Para além dos 270 mil soldados e oficiais dos exércitos alemães, ainda havia cinco divisões húngaras com 30 mil homens e

---

<sup>30</sup> Idem, *ibidem*, p. 648.

<sup>31</sup> Schtemenko, *op. cit.*, p. 196. [Ed. cit., p. 397. (N. Ed.)]

tropas de jugoslavos colaboracionistas, principalmente tchetniques e ustachas,<sup>32</sup> com 270 mil homens em guerra contra o Exército Popular de Libertação.

A guerra na Jugoslávia teve simultaneamente o carácter de uma guerra de libertação nacional antifascista e de uma guerra civil. Tal como no caso da Polónia, o Governo jugoslavo no exílio em Londres conduzia duas guerras, uma contra os fascistas alemães e italianos, outra contra os *partisans*, e a partir de 1942 contra o Exército Popular de Libertação. Os chetniques, organizados e dirigidos por general Dragoljub Mihailovic, ministro da Guerra do governo jugoslavo no exílio em Londres, lutavam principalmente contra os *partisans*/Exército Popular de Libertação nos territórios libertados, comprovadamente em conjunto com as tropas alemãs e italianas, como consta de um registo de Dimítrov de 2 de Fevereiro de 1943. Dimítrov tinha discutido com camaradas de redacção da rádio jugoslava «*questões relacionadas com a ofensiva geral lançada pelos alemães, italianos, italianos, ustaschas [fascistas croatas, UH] (...) e tchetniques de Mihailovic contra o Exército Popular de Libertação e os territórios libertados.*»<sup>33</sup>

Stáline, como Comandante Supremo e presidente do Conselho de Comissários do Povo, encontrava-se numa situação politicamente delicada. De acordo com as exigências militares, tinha de destruir os tchetniques e os ustaschas, aliados dos fascistas alemães, mas do ponto de vista político, tinha de simultaneamente manter o acordo de aliança com o rei jugoslavo e o governo no exílio em Londres e ter em conta os aliados ocidentais. Uma situação semelhante à que existia em relação aos *partisans* gregos. Relações que resultam de acordos com governos anticomunistas, neste caso até monárquico fascista, e regimes abertamente anti-soviéticos, são politicamente muito complicadas e perigosas.

A política seguida por Stáline nas relações com o Exército Popular de Libertação jugoslavo é esclarecida no telegrama cifrado, concertado com Stáline, que Dimítrov enviou a Tito em 19 de Novembro de 1942.

*«A criação do Comité Popular de Libertação Jugoslavo é necessária e particularmente importante. Atribuí imperativamente a este Comité um carácter nacional unitário e um carácter de partido antifascista, quer pela sua constituição, quer pelo seu programa de acção. Não considereis este Comité como uma espécie de governo, mas como um órgão político da luta popular de libertação. Não o colocar em confronto como o governo jugoslavo em Londres. Na fase actual não levanteis a questão da abolição da monarquia. Não lançar a palavra de ordem da República. A questão do regime político na Jugoslávia, como compreendereis, será resolvida depois do esmagamento da coligação italo-alemã e depois da libertação do país do ocupante. Mas o esmagamento dos fascistas alemães e a libertação do ocupante é hoje a tarefa principal, a tarefa que domina todas as outras. Tomai em consideração o facto de que a União Soviética tem um acordo com o rei e o Governo jugoslavo, e que uma tomada de posição aberta contra estes últimos constituiria uma dificuldade suplementar nos nossos esforços comuns e nas relações entre a União Soviética, de um lado, e a Inglaterra e os Estados Unidos, do outro.*

*Não considereis a vossa luta unicamente de um ponto de vista nacional, mas também internacional, bem como do ponto de vista da coligação anglo-soviético-americana.*

---

<sup>32</sup> Ustaše, organização croata fascista, colocada no poder no Estado Independente da Croácia pelas potências do Eixo em 1941. Tchetnik, organização paramilitar nacionalista e monárquica sérvia, que recebeu armas e apoio total dos nazis na luta contra os guerrilheiros comunistas. (NT)

<sup>33</sup> Dimítrov, *op. cit.*, p. 644.

*Ao reforçardes por todos os meios as vossas posições na luta popular de libertação, demonstrai, ao mesmo tempo, grande flexibilidade política e capacidade de manobra.*

*Todos nós estamos entusiasmados com a vossa luta heróica e regozijamo-nos profundamente com os vossos êxitos. Divulgamos largamente a vossa luta em todos os países. Ela desperta justamente o entusiasmo nos povos, em grupos e dirigentes que lutam contra o fascismo, e constitui um notável exemplo a seguir para os povos de outros países ocupados. Desejamos-vos que resistam com firmeza às dificuldades que vos esperam e que alcancem os maiores êxitos no futuro.*

*Aperto-vos firmemente as vossas mãos heróicas.»<sup>34</sup>*

O comando fascista alemão tentou várias vezes liquidar a direcção do Exército Popular de Libertação. No final de Maio de 1944 lançou um ataque ao QG jugoslavo em Dvar, uma pequena vila em terreno montanhoso de difícil acesso, empregando forças assinaláveis. Mas a operação falhou. O marechal Tito, o Estado-Maior do Exército Popular de Libertação, assim como os membros anglo-americanos da missão militar junto ao Estado-Maior foram evacuados por um avião soviético, que partiu da base aérea em Bari, na costa adriática italiana. O Estado-Maior do Exército Popular de Libertação formou então o seu QG na ilha de Vis.

Mas a condução da guerra nas extensas áreas da Jugoslávia a partir da ilha de Vis era difícil. O QG tinha estar mais perto das frentes de combate. Como o assalto a Dvar demonstrara, mesmo as regiões montanhosas da Jugoslávia não garantiam segurança ao Estado-Maior. Assim devia ser transferido da ilha de Vis para a cidade romena de Craiova, situada próxima da fronteira com a Jugoslávia.

Esta transferência tinha de se efectuar no maior segredo. Numa madrugada de Setembro, pelas 3 horas, um avião soviético descolou em direcção a Craiova, mudando várias vezes de rumo, para enganar a vigilância alemã do espaço aéreo.

Os membros da missão militar anglo-americana não foram informados da transferência e ficaram na ilha Vis. Para eles, Tito desaparecera por razões inexplicáveis. O general Maclean, chefe da missão militar britânica, procurou informar-se do paradeiro de Tito junto de Elliott, marechal da Força Aérea britânica, mas este também não sabia e solicitou um encontro a Sókolov, chefe da base aérea soviética de Bari. Chtemenko resumiu a conversa:

«– Para onde é que vocês levaram Tito?

– Não posso saber, Sr. Marechal – foi a resposta dada. O chefe da base soviética de Bari era um mestre neste género de conversas. Podia ser até seco, cortês e laconicamente militar ao extremo.

– Vocês aproveitam-se da boa relação que temos convosco enquanto aliados – continuou Elliott.

– Nós estamos agradecidos aos aliados e retribuímos com a mesma amizade – respondeu Sókolov.

– Mas os aviões saíram da ilha Vis?

– Lamentavelmente não faço a mínima ideia. Como vê, Sr. Marechal, estou aqui ao seu lado.

*Assim terminou a conversa.»*

Não houve mais perguntas dos aliados, pois Stáline comunicou a Churchill que o marechal Tito «encontra-se presentemente em Moscovo para coordenar as próximas

---

<sup>34</sup> Idem, ibidem, p. 616 e seg.

operações conjuntas.»<sup>35</sup> Voara para Moscovo pouco tempo depois da sua chegada a Craiova.

Os desentendimentos entre os parceiros de coligação soviéticos e anglo-americanos nem sempre foram apenas no plano diplomático.

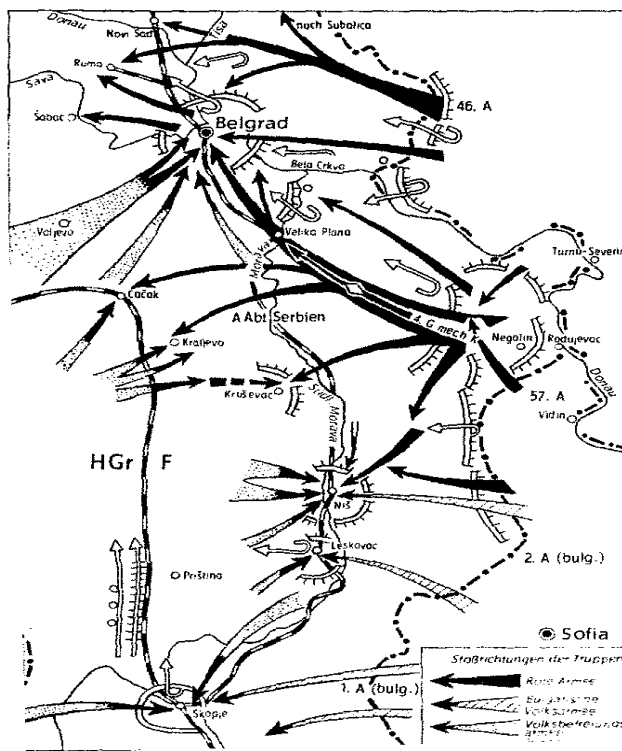
Um trágico incidente aconteceu em Novembro de 1944. Conforme acordado entre o Estado-Maior General soviético e o comando anglo-americano em Itália, caças britânicos e americanos entraram nos combates, devendo seguir as instruções dadas pelo comando soviético da 3.<sup>a</sup> Frente Ucraniana. Chtemenko descreve o incidente:

«No entanto, como se demonstrou, uma coisa era chegar a acordo nos estados-maiores sobre a utilização da aviação, outra organizar tudo devidamente no local. Sentimos isso em Novembro de 1944 quando 27 aviões americanos sobrevoaram uma coluna do 6.<sup>o</sup> Corpo da Guarda de Infantaria, em marcha numa região da Jugoslávia. Os soldados soviéticos reconheceram os aviões e saudaram-nos lançando os capacetes ao ar. Mas de repente os aviões viraram e bombardearam a coluna. Infelizmente o ataque foi preciso: morreram o comandante do corpo, tenente-general Kotov e 31 soldados e oficiais, ficando feridos outros 37 militares. E como pelas manobras dos aviões se percebeu a intenção de efectuar um novo ataque, nove caças soviéticos descolaram. Desencadeou-se uma batalha aérea. No final, para além dos mortos, perderam-se três aviões norte-americanos e três aviões soviéticos.»<sup>36</sup>

Estes lamentáveis incidentes são passíveis de acontecer na guerra. Hoje não é possível saber se houve intenção ou se foi um engano.

Um general americano dirigiu-se a Sófia (sede do Estado-Maior da 3.<sup>a</sup> Frente Ucraniana, UH) para apresentar condolências ao comando soviético. Chtemenko não adianta mais nada sobre o incidente.

Em Outubro iniciou-se o ataque de unidades do Exército Popular de Libertação jugoslavo e dos exércitos das 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> frentes ucranianas a Belgrado, que foi libertada a 20 de Outubro dos ocupantes fascistas.



### A Libertação de Belgrado

Fonte: Chtemenko, Vol. 2, 3.<sup>a</sup> edição, Berlim, 1985, p. 193.

<sup>35</sup> Schtemenko, *op. cit.*, p. 190 e seg. [Ed. cit., pp. 397. (N. Ed.)]

<sup>36</sup> Idem, *ibidem*, p. 206. [Idem, *ibidem*, p. 402. (N. Ed.)]



Stáline e Tito tinham combinado que as tropas jugoslavas e soviéticas entrariam juntas em Belgrado. No entanto, no Estado-Maior General soviético não se tinha levado em consideração que o Exército Popular de Libertação não possuía tanques nem camiões e que por isso não podiam acompanhar as unidades motorizadas das 3.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> frentes ucranianas. Não era possível, por razões militares, atrasar a tomada de Belgrado para permitir a entrada conjunta das unidades soviéticas e jugoslavas. O general Tolbúkhine, (comandante-em-chefe da 3.<sup>a</sup> Frente Ucraniana) dirigiu-se directamente a Tito e juntos encontraram uma solução: a infantaria jugoslava seria transportada em tanques e camiões soviéticos, e assim os irmãos de armas poderiam entrar juntos em Belgrado.

No final de Outubro as tropas soviéticas tinham cumprido com as suas obrigações na Jugoslávia e puderam dedicar-se a novas tarefas: a libertação da Hungria.

O comando supremo alemão tinha construído uma nova linha de defesa poderosamente fortificada em Triest-Maribor-Bratislava. Rompê-la era abrir o caminho para Budapeste, Viena e a Checoslováquia.

Fazendo jus às tradições e obrigações militares e internacionalistas, as unidades da Força Aérea soviética mantiveram-se no território para combater ao lado do Exército Popular de Libertação até à libertação definitiva da Jugoslávia em 15 de Maio de 1945. Também permaneceram unidades técnicas do Exército Vermelho, que, ao abrigo de um acordo entre os soviéticos e os jugoslavos, ficaram subordinadas ao Exército Popular de Libertação.

## Índice de nomes

(acrescentado pela edição portuguesa)

**Antonescu**, Ion Victor (1882-1946), primeiro-ministro romeno durante a II Guerra (1940-44), aliou-se aos nazis, sendo responsável pelo massacre de centenas de milhares de pessoas, designadamente judeus e ciganos. Foi condenado por crimes de guerra e executado em 1946.

**Bagriánov**, Ivan Ivanov (1881-1945), antigo major do exército búlgaro, foi presidente da União dos Agrários (1939-44) e apoiante do tsar Bóris III. Deputado (1938-39), é nomeado ministro da Agricultura (1938-41), tornando-se depois primeiro-ministro (1944), altura em que, face à derrota certa dos nazis, procura fazer uma paz separada com os EUA e a Grã-Bretanha, para impedir a entrada das tropas soviéticas no país. Em Setembro de 1944 é preso pelas forças revolucionárias julgado pelo tribunal popular e executado.

**Biriuzov**, Serguei Semiónovitch (1904-1964), militar soviético, marechal da URSS (1955), chefe do Estado-Maior das Forças Armadas da URSS (1963-64). Entrou como voluntário para o Exército Vermelho em 1922, participando como oficial do Estado-Maior em grandes batalhas da II Guerra: a operação da Bacia do Don, a libertação da Crimeia, a operação Iassi-Kichinov e a tomada de Belgrado. Entre Outubro de 1944 e Maio de 1946 comandou o 37.º Exército e foi conselheiro principal do exército búlgaro.

**Dimítrov**, Gueórgui Mikháilovitch (verdadeiro nome Gueórgui Dimitróv Mikháilov) (1882-1949). Compositor tipográfico desde 1894, torna-se secretário do Sindicato dos Tipógrafos em 1901, em Sófia, capital da Bulgária. No ano seguinte adere ao Partido Operário Social-Democrata Búlgaro, juntando-se à corrente maioritária dos «socialistas estritos». Entra para o CC em 1909, sendo eleito nesse ano secretário do Sindicato Geral Operário (1909-1923) e deputado ao parlamento (1913-1923). Foi um

dos organizadores da insurreição armada de 1923 na Bulgária. Após a derrota da revolução, foi condenado à revelia com a pena de morte, sendo obrigado a refugiar-se no estrangeiro. Membro activo do *Komintern*, foi preso em 1933 na Alemanha nazi sob a falsa acusação de ter participado no incêndio do *Reichstag*. Consegue provar a sua inocência no célebre processo de Leipzig, onde faz uma brilhante defesa. A URSS atribui-lhe a cidadania soviética e exige o seu repatriamento, que se concretiza dois meses mais tarde. Nos anos 30, juntamente com Ernst Thälmann e Dolores Ibárruri, torna-se um dos líderes mais carismáticos do Movimento Comunista Internacional. Em 1935 é eleito secretário-geral do Comité Executivo do *Komintern*. Entre 1927 e 1945 foi deputado do Soviete Supremo da URSS. Após a dissolução do *Komintern*, em 5 de Abril de 1943, é nomeado responsável pelo Departamento de Política Internacional do PCU(b). Após a libertação da Bulgária pelo Exército Vermelho, regressa ao seu país, tornando-se presidente do Conselho de Ministros (1946-49) e secretário-geral do PCB (1948-49).

**Elliott**, William (1896-1971), oficial da força aérea britânica desde 1915, comandou a Força Aérea nos Balcãs em 1944.

**Kolárov**, Vassil Petrov (1877-1950), membro do Partido Social-Democrata Búlgaro desde 1897, adere à sua ala revolucionária em 1903. Membro do CC a partir de 1906, deputado à Assembleia Nacional (1913-23), é eleito secretário do Partido Comunista da Bulgária em 1919, cargo que ocupa até 1923. Membro do Comité Executivo do *Komintern* (CEIC) desde 1921, do seu *Presidium* (1922-43), secretário-geral do CEIC entre 1922 e 1923, e membro do *Presidium* do Comité Executivo do *Krestintern*, a *Internacional Camponesa*, (1928-39). Participa na insurreição armada

na Bulgária em 1923, onde é condenado à revelia a cinco anos de trabalhos forçados. Refugiado na URSS, trabalha como director do Instituto Internacional de Agronomia (1930-39) e como chefe de redacção da revista *Problemas da Agronomia*. Foi um dos organizadores do movimento de resistência à ocupação fascista no seu país, ao qual regressa em 1945, sendo eleito presidente da Assembleia Nacional (1945-47) e vice-presidente do Conselho de Ministros (1947-49).

**Kotov**, Grigóri Petróvitch (1902-1944), militar soviético, ingressou no Exército Vermelho em 1919. Tenente-general (1944), ocupou vários postos de comando durante a II Guerra, o último dos quais como comandante do 6.º Corpo da Guarda de Infantaria do 57.º Exército da Frente da Ucrânia. Foi morto em 7 de Novembro de 1944, na Jugoslávia, no decurso da operação de tomada de Belgrado, quando a sua coluna foi inexplicavelmente bombardeada por aviões norte-americanos.

**Macleán**, Kenneth Graeme (1896-1987), oficial britânico, tenente-general, foi chefe de operações do 21.º grupo de exércitos, participando na elaboração da Operação Overlord. Depois da II Guerra foi secretário do Exército junto do ministro da Defesa.

**Malinóvski**, Rodion Iákovlevitch (1898-1967), voluntário do exército aos 16 anos, participa na I Guerra Mundial, sendo gravemente ferido no seu primeiro combate. Em 1916 integra o corpo expedicionário russo em França, onde permanece até 1919. Entra então para o Exército Vermelho, participando na derrota dos brancos. Em 1926 adere ao PCU(b). Após concluir a Academia Militar Frunze, participa na guerra civil de Espanha. Entre 1941 e 1942 comanda a Frente Sul e do Cáucaso do Norte. Distingue-se na batalha de Stalingrado, liberta as cidades de Odessa e de Nikolaev como comandante da Frente Sudeste e derrota o grupo de exércitos nazis «Sul». Desempenha um papel destacado na libertação da Roménia, Hungria, Áustria e Checoslováquia. Marechal da URSS, herói da

URSS, exerceu funções como ministro da Defesa entre 1957 e 1967.

**Marinov**, Ivan Kristev (1896-1979), militar búlgaro, tenente-general (1944), ministro da Defesa no Governo de Muraviev (Setembro 1944) e chefe do Comando Supremo do Exército (1944-45). A partir de 1946 desempenha funções diplomáticas, tornando-se mais tarde docente da Academia Militar.

**Mihailovic**, "Draza" Dragoljub (1893-1946), militar sérvio, comandante do movimento monárquico Tchetniks durante a II Guerra. Em 1946 foi capturado, julgado e executado.

**Muraviev**, Konstantin Vladov (1893-1965), antigo capitão do exército búlgaro, integrou os governos da União Popular dos Agrários, ocupando vários cargos públicos entre 1919 e 1923. Volta a integrar o governo entre 1931 e 1934, passando depois à oposição. Em Agosto de 1944 apoia a formação de um governo popular e a aproximação à URSS, tornando-se primeiro-ministro em 2 de Setembro desse ano. Empenha-se em firmar uma paz separada com os EUA e a Grã-Bretanha, procurando evitar a entrada das tropas soviéticas no país. O seu Governo é derrubado em 9 de Setembro. Preso e condenado a prisão perpétua, é libertado em 1955, mas volta a ser detido no ano seguinte, permanecendo na prisão até 1961.

**Sanatescu**, Constantin (1885-1947), militar e político romeno, participou no derrubamento do ditador Antonescu em 23 de Agosto de 1944, tendo sido designado primeiro-ministro pelo rei Miguel I da Roménia. Todavia só permanece no cargo até 2 de Dezembro do mesmo ano, sendo substituído por Nicolae Radescu.

**Sókolov**, S. V., não encontramos referências biográficas deste oficial da Força Aérea Soviética, chefe da base área de Bari, em 1944.

**Tolbúkhine**, Fiódor Ivánovitch (1894-1949), oficial do exército russo, combateu na I Guerra entrando para o Exército Vermelho em 1918. Na guerra civil foi ajudante do

chefe do Estado-Maior da Divisão de Infantaria nas frentes Norte e Ocidental. Em 1921 participa no esmagamento da revolta de Kronstadt e em operações militares contra os finlandeses brancos na Carélia. Membro do PCU(b) desde 1938, major-general (1940) e marechal da URSS (1944), comandou a partir de 1943 as frentes Sul, a 4.<sup>a</sup> Ucraniana e, entre Maio de 1944 e Junho de 1945, a 3.<sup>a</sup> Frente Ucraniana. Participou, entre várias outras, na batalha de Stalingrado e na libertação da Roménia, Jugoslávia e Hungria. Em 1946 foi eleito deputado do Soviete Supremo da URSS.

**Veltchev**, Damiane Veltchev Damianov (1883-1954), militar búlgaro, participou em vários golpes de Estado contra o tsar Boris III, tendo sido condenado à morte em 1936, pena comutada em prisão perpétua. Em 1943 aderiu à Frente Patriótica, que reuniu as forças antimonárquicas e os comunistas, e participou na tomada do poder em Setembro do ano seguinte, tornando-se ministro da Guerra até Setembro de 1946. Ocupou depois o cargo de representante plenipotenciário da Bulgária na Suíça. Em Outubro de 1947 recusou-se a regressar ao seu país, sendo-lhe por isso retirada a cidadania búlgara.

**Vladimirescu**, Tudor (1780-1821), revolucionário romeno, liderou a revolta camponesa de 1821 na Moldávia e na Valáquia pela independência do império Otomano, que foi cruelmente esmagada pelas tropas turcas.